

Terra Viva

■ KRISTINA MICHAELLES



Banco agrega valor à flora brasileira

Um acanhado galpão nos confins da Ilha do Fundão abriga um projeto pioneiro, um centro de excelência de alta tecnologia que já está atraindo pesos-pesados como o Banco Pactual, o qual acaba de investir US\$ 1,6 milhão num novo e promissor ramo de negócios. O pulo do gato da Extracta, empresa constituída em 60% por doutores e mestres, consiste em transformar extratos naturais de plantas sem muito valor em produtos na forma de propriedade intelectual. O licenciamento destas patentes beneficiará a empresa, seus parceiros, os cientistas envolvidos e as comunidades das áreas de origem das plantas.

Desde janeiro de 1999, a Extracta está catalogando meticulosa e detalhadamente o potencial químico da flora brasileira, uma das mais ricas do mundo. Todas as plantas são colhidas em estrita observância dos princípios da Convenção de Diversidade Biológica, assinada durante a Rio-92. Cada exemplar vegetal é obtido através da exploração consentida em áreas particulares. Depois, é catalogado no banco de dados com fotografia digital, depósito em herbário público, taxonomia e definição do perfil do DNA. Um Acordo de Transferência de Material garante a cada parceiro um percentual dos direitos de propriedade intelectual oriundos do trabalho da Extracta nos materiais depositados no Banco.



Royalties – “A idéia básica é beneficiar as comunidades envolvidas com eventuais royalties decorrentes de licenciamento de alguma substância a laboratórios químicos ou farmacêuticos”, diz o professor Antonio Paes de Carvalho, um médico cardiologista que dedicou sua vida à pesquisa (trabalhou ao lado do cientista Carlos Chagas no Instituto de Biofísica da UFRJ), idealizou a Fundação Bio-Rio e fundou a Extracta em agosto de 1998.

Até o final do ano, o Banco Extracta de Biodiversidade já deverá contar com 30 mil amostras vegetais, oriundas principalmente da Mata Atlântica e da Amazônia. Correspondentes a cerca de três mil espécies nativas, estas amostras são extratos e compostos obtidos a partir das folhas, das raízes e dos caules.

Os sacos com as folhagens chegam à Extracta trazidos por equipes de coletores, integradas por mateiros e botânicos e que fazem uma verdadeira varredura dos biomas brasileiros. Este trabalho sistemático de coleta, aliás, já permitiu a descoberta de três novas espécies de plantas nativas da Mata Atlântica, identificadas através do herbário da UFRJ. É interessante saber que, para cada amostra, são necessários apenas 2,5 quilos de planta fresca, quantidade pequena que não causa impacto ambiental.

Moléculas desconhecidas – O primeiro passo é checar toda a documentação: informações sobre o depositante, dados etnobotânicos disponíveis, localização geográfica (leitura feita por GPS). O material é secado antes de ir para a central de extração, com 24 evaporadores rotatórios. Depois de um controle de qualidade para checar eventuais contaminações, os extratos passam pela análise química através cromatografia líquida e espectrometria de massa para identificar componentes isolados, comparando-os com o que já existe de conhecido, e descobrir moléculas ainda desconhecidas - o verdadeiro objetivo do projeto.

Como o conceito básico da Extracta é agregar o máximo de valor possível às plantas antes de licenciar os compostos ativos a laboratórios multinacionais, a empresa concentra o trabalho tecnológico em suas próprias instalações e em laboratórios de universidades brasileiras. Dos 42 colaboradores – contratados e consultores – 40% têm doutorado, 20% exibem título de mestre, os outros são técnicos altamente qualificados. O coração do empreendimento é a sistematização dos dados através de um software próprio, especialmente desenvolvido para a empresa. O Banco Extracta é gerenciado por uma jovem administradora de 28 anos.

Contrato – O primeiro contrato comercial da Extracta foi firmado em 1999 com o laboratório Glaxo Wellcome. Este gigante farmacêutico está desembolsando um total de US\$ 3,2 milhões ao longo de 30 meses. Em compensação, a Extracta se compromete a procurar moléculas com atividade contra oito alvos biológicos (doenças). Caso sejam encontradas substâncias passíveis de patenteamento, estas serão patenteadas em nome da Extracta e de seus parceiros no Brasil e no PCT, órgão internacional de patenteamento, e então licenciadas para clientes. A Glaxo, como cliente do projeto de pesquisa, tem direito preferencial para licenciamento, mas não detém a propriedade da patente.

“Para nós, o importante é saber que é possível fazer negócios obedecendo estritamente os princípios da Convenção de Diversidade Biológica”, diz Antonio Paes de Carvalho.

Na próxima semana, continuaremos com este assunto.